

THEATRO

DE

MACHADO DE ASSIS.

*COSMOS
BRANDEL*

VOLUME I.

RIO DE JANEIRO.

TYPOGRAPHIA DO DIARIO DO RIO DE JANEIRO

81

RUA DO ROSARIO

81

1863.

THEATRO

DE

MACHADO DE ASSIS

VOLUME I.

RIO DE JANEIRO.

TYPOGRAPHIA DO DIARIO DO RIO DE JANEIRO

84 RUA DO ROSARIO 84

1863.

O CAMINHO DA PORTA. — O PROTOCOLLO.

COMEDIAS EM UM ACTO.

Estas comedias, embora impressas, não podem ser representadas sem licença do autor.

CARTA A QUINTINO BOCA YUVA.

MEU AMIGO,

Vou publicar as minhas duas comedias de estrêa; e não quero fazê-lo sem conselho da tua competencia.

Já uma critica benévola e carinhosa, em que tomaste parte, consagrou a estas duas composições palavras de louvor e animação.

Sou immensamente reconhecido, por tal, aos meus collegas da imprensa.

Mas o que recebeu na scena o baptismo do applauso pode, sem inconveniente, ser trasladado para o papel? A differença entre os dous meios de publicação não modifica o juizo, não altera o valor da obra?

E' para a solução destas duvidas que recorro á tua autoridade litteraria.

O juizo da imprensa vio destas duas comedias—simples tentativas de autor tímido e receioso. Se a minha affirmacão não envolve suspeitas de vaidade disfarçada e mal cabida, declaro que nenhuma outra ambição levo nesses trabalhos. Tenho o theatro por cousa muito séria, e as minhas forças por cousa muito insufficiente; penso que as qualidades necessarias ao autor dramatico desenvolvem-se e apuram-se com o tempo e o trabalho; cuido que é melhor tactear para achar; é o que procurei e procuro fazer.

Caminhar destes simples grupos de scenas—á comedia de maior alcance, onde o estudo dos caracteres seja consciencioso e acurado, onde a observação da sociedade se case ao conhecimento pratico das condições do genero — eis uma ambição propria de animo juvenil, e que eu tenho a immodestia de confessar.

E, tão certo estou da magnitude da conquista, que me não dissimulo o longo estadio que ha percorrer para alcança-la. E mais. Tão difficil me parece este genero litterario, que, sob as difficuldades apparentes, se me affigura que outras haverão, menos superaveis, e tão subteis, que ainda as não posso ver.

Até onde vai a illusão dos meus desejos? Confio demasiado na minha perseverança? Eis o que espero saber de ti.

E dirijo-me a ti, entre outras razões, por mais duas, que me parecem excellentes: razão de estima litteraria e razão de estima pessoal. Em respeito á tua modestia, callô o que te devo de admiração e reconhecimento.

O que nos honra, a mim e a ti, é que a tua imparcialidade e a minha submissão ficam salvas da minima suspeita. Serás justo e eu docil; terás ainda por isso o meu reconhecimento; e eu escapo a esta terrivel sentença de um escriptor: «*Les amitiés que ne résistent pas à la franchise, valent-elles un regret ?*»

Teu amigo e collega,

MACHADO DE ASSIS.

CARTA AO AUTOR.

MACHADO DE ASSIS,

Respondo á tua carta. Pouco preciso dizer-te. Fazes bem em dar ao prêlo os teus primeiros ensaios dramaticos. Fazes bem, porque essa publicação envolve uma promessa e acarreta sobre ti uma responsabilidade para com o publico. E o publico tem o direito de ser exigente contigo. E's moço, e foste dotado pela Providencia com um bello talento. Ora, o talento é uma arma divina que Deus concede aos homens para que estes a empreguem no melhor serviço dos seus semelhantes. A idéa é uma força. Inocula-la no seio das massas é inoculár-lhe o sangue puro da regeneração moral. O homem que se civilisa, christianisa-se. Quem se illustra, edifica-se. Porque a luz que nos esclarece a razão é a que nos allumia a consciencia. Quem aspira a ser grande, não pôde deixár de aspirar a ser bom. A virtude é a primeira grandeza deste mundo. O grande homem é o homem de bem. Repito, pois, nessa obra de cultivo litterario ha uma obra de edificação moral.

Das muitas e variadas fôrmas litterarias que existem e que se prestam ao conseguimento desse fim escolheste a fôrma dramatica. Acertaste. O drama é a fôrma mais popular, a que mais se nivela com a alma do povo, a que mais recursos possui para actuar sobre o seu espirito, a que mais facilmente o commove e exalta; em resumo, a que tem meios mais poderosos para influir sobre o seu coração.

Quando assim me exprimo, é claro que me refiro ás tuas comedias, acceptando-as como ellas devem ser acceptas por mim e por todos, isto é, como um ensaio, como um experiencia, e, se pôdes admittir a phrase, como uma gymnastica de estylo.

A minha franqueza e a lealdade que devo á estima que me confessas obrigam-me a dizer-te em publico o que já te disse em particular. As tuas duas comedias, modeladas ao gosto dos proverbios francezes, não revelam nada mais do que a maravilhosa aptidão do teu espirito, a profusa riqueza do teu estylo. Não inspiram nada mais

do que sympathia e consideração por um talento que se amaneira a todas as fórmulas da concepção.

Como lhes falta a idéa, falta-lhes a base. São bellas, porque são bem escriptas. São valiosas, como artefactos litterarios, mas até onde a minha vaidosa presumpção critica pôde ser tolerada, devo declarar-te que ellas são frias e insensiveis, como todo o sujeito sem alma.

Debaixo deste ponto de vista, e respondendo a uma interrogação directa que me dirijes, devo dizer-te que havia mais perigo em apresenta-las ao publico sobre a rampa da scena do que ha em offere-las á leitura calma e reflectida. O que no theatro podia servir de obstaculo á apreciação da tua obra, favorece-a no gabinete. As tuas comedias são para serem lidas e não representadas. Como ellas são um brinco de espirito podem distrahir o espirito. Como não têm coração não podem pretender sensibilisar a ninguem. Tu mesmo assim as consideras, e reconhecer isso é dar prova de bom criterio comsigo mesmo, qualidade rara de encontrar-se entre os autores.

O que desejo, o que te peço, é que presentes nesse mesmo genero algum trabalho mais serio, mais novo, mais original e mais completo. Já fizeste esboços, atira-te á grande pintura.

Posso garantir-te que conquistarás applausos mais convencidos e mais duradouros.

Em todo o caso, repito-te que fazes bem. Sujeita-te á critica de todos, para que possas corrigir-te a ti mesmo. Como te mostras despretencioso, colherás o fructo são da tua modéstia não fingida. Pela minha parte estou sempre disposto a acompanhar-te, retribuindo-te em sympathia toda a consideração que me impõe a tua joven e vigorosa intelligencia.

Teu

Q. BOCAVUYA.

O CAMINHO DA PORTA

COMEDIA EM UM ACTO

REPRESENTADA PELA PRIMEIRA VEZ NO ATHENEU DRAMATICO
EM SETEMBRO DE 1862.

PERSONAGENS.

PERSONAGENS.
Dr. Cornelio.
Valentim.
Innocencio
D. Carlota . .

ACTORES.
Sr. Cardozo.
» Pimentel.
» Martins.
. Sra. D. Maria Fernanda.
Actualidade.

O CAMINHO DA PORTA.

EM CASA DE CARLOTA.

Salla elegante.— Duas portas no fundo, portas lateraes, consolos, piano, divan, poltronas, cadeiras, mesa, tapete, espelhos, quadros; figuras sobre os consolos; album, alguns livros, lapis etc., sobre a mesa.

Scena I.

VALENTIM *assentado á E.* O DOUTOR *entrando,*

VALENTIM.

Ah! és tu?

DOUTOR.

Oh! Hoje é o dia das surpresas. Accordo, leio os jornaes e vejo annuciado para hoje o *Trovador*. Primeira surpresa. Lembro-me de passar por aqui para saber se D. Carlota queria ir ouvir a opera de Verdi, e vinha pensando na triste figura que devia fazer em casa de uma moça do tom ás 10 horas da manhã, quando te encontrei firme como uma sentinella no posto. Duas surpresas.

VALENTIM.

A triste figura sou eu?

DOUTOR.

Acertaste. Lucido como uma sybilla. Fazes uma triste figura, não t'ó devo occultar.

VALENTIM.

(Ironico) Ah!

DOUTOR.

Tens ar de não dar credito ao que digo! Pois olha, tens diante de ti a verdade em pessoa, com a differença de não sahir de um poço mas da cama, e de vir em traje menos primitivo. Quanto ao espelho, se o não trago comigo, ha nesta salla um que nos serve com a mesma sinceridade. Mira-te alli. Estás õu não uma triste figura?

VALENTIM.

Não me aborreças.

DOUTOR.

Confessas então?

VALENTIM.

E's divertido como os teus protestos de virtuoso! Aposto que me' queres fazer crer no desinteresse das tuas visitas a D. Carlota?

DOUTOR.

Não.

VALENTIM.

Ah!

DOUTOR.

Sou hoje mais assiduo do que era ha um mez, e a razão é que ha um mez que começas-te a fazer-lhe côrte.

VALENTIM.

Já sei: não me queres perder de vista.

DOUTOR.

Presumido! Eu sou lá inspector dessas cousas? Ou antes, sou; mas o sentimento que me leva a estar presente a essa batalha pausada e paciente está muito longe do que pensas; estudo o amor.

O CAMINHO DA PORTA.

VALENTIM.

Somos então os teus compendios ?

DOUTOR.

E' verdade.

VALENTIM.

E o que tens aprendido ?

DOUTOR.

Descobri que o amor é uma pescaria...

VALENTIM.

Queres saber de uma cousa ? Estás prosaico como os teus libellos.

DOUTOR.

Descobri que o amor é uma pescaria...

VALENTIM.

Vai-te com os diabos !

DOUTOR.

Descobri que o amor é uma pescaria. O pescador senta-se sobre um penedo, á beira do mar. Tem ao lado uma cesta com iscas ; vai pondo uma por uma no anzol, e atira ás aguas a perfida linha. Assim gasta horas e dias até que o descuidado filho das aguas agarra no anzol, ou não agarra e...

VALENTIM.

E's um tolo.

DOUTOR.

Não contesto ; pelo interesse que tomo por ti. Realmente doe-me ver-te ha tantos dias exposto ao sol, sobre o penedo, com o caniço na mão, a gastar as tuas iscas e a tua saude, quero dizer, a tua hora.

VALENTIM.

DOUTOR.

A tua honra, sim. Pois para um homem de senso e um tanto serio o ridiculo não é uma deshonra? Tu estás ridiculo. Não ha dia em que não venhas gastar tres, quatro, cinco horas a cercar esta viuva de galanteios e attensões, acreditando talvez ter adiantado muito, mas estando ainda hoje como quando começaste. Olha, ha Penolopes da virtude e Penolopes do galanteio. Umaz fazem e desmancham teias por terem muito juizo; outras as fazem e desmancham por não terem nenhum.

VALENTIM.

Não deixas de ter uma tal ao qual razão.

DOUTOR.

Ora, graças a Deos!

VALENTIM.

Devo porém prevenir-te de uma cousa: é que ponho nesta conquista a minha honra. Jurei aos meus deuses casar-me com ella e hei de manter o meu juramento.

DOUTOR.

Virtuoso Romano!

VALENTIM.

Faço o papel de Sisypho. Rolo a minha pedra pela montanha; quasi a chegar com ella ao cimo, uma mão invisivel fa-la despenhar de novo, e ahi volto a repetir o mesmo trabalho. Se isto é um infortunio, não deixa de ser uma virtude.

DOUTOR.

A virtude da paciencia. Empregavas melhor essa virtude em fazer palitos do que em fazer a roda a esta namoradaira. Sabes o que aconteceu aos companheiros de Ulysses passando pela ilha de Circe? Ficaram transformados em porcos. Melhor sorte teve Acteon que por espreitar Diana no banho passou de homem a veado. Prova evidente de que é melhor pilha-las no banho do que andar-lhes á roda tapetes da salla.

VALENTIM.

Passas de prosaico a cynico.

DOUTOR.

E' uma modificação. Tu estás sempre o mesmo : ridiculo.

Scena II.

OS MESMOS, INNOCENCIO *trazido por um criado.*

Oh!

INNOCENCIO.

DOUTOR.

(Baixo a Valentim.) Chega o teu competidor.

VALENTIM.

(Baixo.) Não me vexes.

INNOCENCIO.

Meus senhores! Já por cá? Madrugaram hoje!

DOUTOR.

E' verdade. E V. S.?

INNOCENCIO.

Como está vendo. Levanto-me sempre com o sol.

DOUTOR.

Se V. S. é outro.

INNOCENCIO.

(Não comprehendendo.) Outro que? Ah! outro sol! Este doutor tem umas expressões tão... fóra do vulgar! Ora veja, a mim ainda ninguem se lembrou de dizer isto. Sr. Doutor, V. S. hade tratar de um negocio que trago pendente no fóro. Quem falla assim é capaz de seduzir a propria lei!

DOUTOR.

Obrigado!

INNOCENCIO.

Onde está a encantadora D. Carlota? Trago-lhe este ramalhete que eu proprio colhi e arranjei. Olhem como estas flores estão bem combinadas: rosas, paixão; ássucenas, candura. Que tal?

DOUTOR.

Engenhoso!

INNOCENCIO.

(*Dando-lhe o braço*). Agora ouça, Sr. Doutor. Deçorei umas quatro palavras para dizer ao entregar-lhe estas flores. Veja se condizem com o assumpto.

DOUTOR.

Sou todo ouvidos.

INNOCENCIO.

« Estas flores são um presente que a primavera faz á sua irmã por intermedio do mais ardente admirador de ambas. » Que tal?

DOUTOR.

Snblime! (*Innocencio ri-se á socapa*) Não é da mesma opinião?

INNOCENCIO.

Podera não ser sublime; se eu proprio copiei isto de um *Secretario dos Amantes*!

DOUTOR.

Ah!

VALENTIM.

(*Baixo ao Doutor*). Gabo-te a paciencia!

DOUTOR.

(*Dando-lhe o braço*) Pois que tem! E' miraculosamente tolo. Não é da mesma especie que tu...

VALENTIM.

Cornelio!

DOUTOR.

Descança ; é de outra muito peor !

Scena III.

OS MESMOS, CARLOTA.

CARLOTA.

Perdão, meus senhores, de os haver feito esperar.... (*Destribue apertos de mão*),

VALENTIM.

Nós é que lhe pedimos desculpa de havermos madrugado deste modo....

DOUTOR.

A mim, traz-me um motivo justificavel.

CARLOTA.

(*Rindo j.* Ver-me ? (*Vae sentar-se*).

DOUTOR.

Não.

CARLOTA.

Não é um motivo justificavel, esse ?

DOUTOR.

Sem duvida; incomoda-la é que o não é. Ah! minha senhora, eu aprecio mais do que nenhum outro o despeito que deve causar a uma moça uma interrupção no serviço da *toilette*. Creio que é cousa tão seria como uma quebra de relações diplomaticas.

CARLOYA.

O Sr. doutor graceja e exaggera. Mas qual é esse motivo que justifica a sua entrada em minha casa, a esta hora ?

DOUTOR.

Venho receber as suas ordens ácerca da representação desta noite.

CARLOTA.

Que representação?

DOUTOR.

Canta-se o *Trovador*.

INNOCENCIO.

Bonita peça!

DOUTOR.

Não pensa que deve ir?

CARLOTA.

Sim, e agradeço-lhe a sua amavel lembrança. Já sei que vem efferecer-me o seu camarote. Olhe. hade desculpar-me este descuido, mas prometto que vou quanto antes tomar uma assignatura.

INNOCENCIO.

(*A Valentim*) Ando desconfiado do doutor!

VALENTIM.

Porque?

INNOCENCIO.

Veja como ella o trata! Mas eu vou desbanca-lo com a minha phrase do *Secretario dos Amantes...* (*Indo a Carlota*) Minha senhora, estas flores são um presente que a primavera faz á sua irmã...

DOUTOR.

(*Completando a phrase*) Por intermedio do mais ardente admirador de ambas.

INNOCENCIO.

Sr. doutor!

CARLOTA.

O que é?

INNOCENCIO.

(Baixo) Isto não se faz! *(A Carlota)* Aqui tem, minha senhora...

CARLOTA.

Agradecida. Por que se retirou hontem tão cedo? Não lh'o quiz perguntar... de boca; mas creio que o interroguei com o olhar.

INNOCENCIO.

(No cumulo da satisfação.) De boca?... Com o olhar?... Ah! queira perdoar, minha senhora... mas um motivo imperioso...

DOUTOR.

Imperioso... não é delicado.

CARLOTA.

Não exijo saber o motivo; supuz que se houvesse passado alguma cousa que o desgostasse...

INNOCENCIO.

Qual, minha senhora; o que se poderia passar? Não estava eu diante de V. Ex. para consolar-me com seus olhares de algum desgosto que houvesse? E não houve nenhum.

CARLOTA.

(Ergue-se e bate-lhe com o leque no hombro.) Lisongeiro!

DOUTOR.

(Descendo entre ambos.) V. Ex. hade desculpar-me se interrompo uma especie de idyllo com uma cousa prosaica, ou antes com outro idyllio, de outro genero, um idyllio do estomago; o almoço...

CARLOTA.

Almeça connosco?

DOUTOR.

Oh ! minha senhora, não seria capaz de interrompe-la ; peço simplesmente licença para ir almoçar com um desembargador da relação a quem tenho de prestar umas informações.

CARLOTA.

Sinto que na minha perda ganhe um desembargador ; não sabe como odeio a toda essa gente do fóro ; faço apenas uma excepção.

DOUTOR.

Sou eu.

CARLOTA.

(Sorrindo) E' verdade. Donde concluo ?

DOUTOR.

Estou presente !

CARLOTA.

Maldoso !

DOUTOR.

Fica, não, Sr. Innocencio ?

INNOCENCIO.

Vou. *(Baixo ao Doutor)* Estalo de felicidade !

DOUTOR.

Até logo !

INNOCENCIO.

Minha senhora !

Scena IV.

CARLOTA, VALENTIM.

VALENTIM.

FICOU ?

VALENTIM.

(*Indo buscar o chapéo*) Se a incomódo...

CARLOTA.

Não. Dá-me prazer até. Ora, porque hade ser tão susceptível a respeito de tudo o que lhe digo?

VALENTIM.

E' muita bondade. Como não quer que seja susceptível? Só depois de estarmos á sós é que V. Ex. se lembra de mim. Para um velho gai-teiro acha V. Ex. palavras cheias do bondade e sorrisos cheios de doçura.

CARLOTA.

Deu-lhe agora essa doença? (*Vai sentar-se junto á mesa*).

VALENTIM.

(*Senta-se junto á mesa defronte de Carlota*). Oh! não zombe, minha senhora! Estou certo de que os martyres romanos prefereriam a morte rapida á luta com as feras do circo. O seu sarcasmo é uma fera indomavel; V. Ex. tem certesa disso e não deixa de lança-lo em cima de mim.

CARLOTA.

Então sou temivel? Confesso que ainda agora o sei. (*Uma pausa*). Em que scisma?

VALENTIM.

Eu?.. em nada!

CARLOTA.

Interessante colloquio!

VALENTIM.

Devo crer que não faço uma figura nobre e seria. Mas não me importa isso! A seu lado eu affronto todos os sarcasmos do mundo. Olhen ou nem sei o que penso, nem sei o que digo. Ridiculo que pareça, i

to-me tão elevado o espirito que chego a suppôr em mim algum daquelles toques divinos com que a mão dos deuses elevava os mortaes e lhes inspirava forças e virtudes fóra do commum.

CARLOTA.

Sou eu o deusa...

VALENTIM.

Deusa, como ninguem sonhára nunca; com a graça de Venus e a magestade de Juno. Sei eu mesmo defini-la? Posso eu dizer em lingua humana o que é esta reunião de attrativos unicos feitos pela mão da natureza como uma prova suprema do seu poder? Dou-me por fraco, certo de que nem pincel nem lyra poderão fazer mais do que eu.

CARLOTA.

Oh! é de mais! Deos me livre de o tomar por espelho. Os meus são melhores. Dizem cousas menos agradaveis, porém mais verdadeiras.

VALENTIM.

Os espelhos são obras humanas; imperfeitos, como todas as obras humanas. Que melhor espelho, quer V. Ex., que uma alma ingenua e candida?

CARLOTA.

Em que corpo encontrarei... esse espelho?

VALENTIM.

No meu.

CARLOTA.

Suppõe-se candido e ingenuo?

VALENTIM.

Não me supponho, sou.

CARLOTA.

E' por isso que traz perfumes e palavras que embriagam? Se ha candura é em querer fazer-me crer...

VALEOTIM.

Oh! não queira V. Ex. trocar os papeis. Bem sabe que os seus perfumes e as suas palavras é que embriagam. Se eu fallo um tanto diversamente do commum é porque fallam em mim o enthusiasmo e a admiração. Quanto a V. Ex. basta abrir os labios para deixar cahir delle aromas e philtros cujo segredo só a natureza conhece.

CARLOTA.

Estimo ántes vê-lo assim. *(Começa a desenhar distrahidamente em um papel)*.

VALENTIM.

Assim... como?

CARLOTA.

Menos... melancolico.

VALENTIM.

E' esse o caminho do seu coração?

CARLOTA.

Queria que eu própria lh'o indicasse? Seria trahir-me, e tirava-lhe a graça e a gloria de o encontrar por seus proprios exforços.

VALENTIM.

Onde encontrarei um roteiro?...

CARLOTA.

Isso não tinha graça! A gloria está em achar o desconhecido depois da luta e do trabalho... Amar e fazer-se amar por um roteiro... oh! que cousa de máo gosto!

VALENTIM.

Prefiro esta franqueza. Mas V. Ex. deixa-me no meio de uma encruzilhada com quatro ou cinco caminhos diante de mim, sem saber qual hei de tomar. Acha que isto é de coração compassivo?

CARLOTA.

Ora! siga por um delles, á direita ou a esquerda.

VALENTIM.

Sim, para chegar ao fim e encontrar um muro; voltar, tomar depois por outro...

CARLOTA.

E encontrar outro muro? E' possível. Mas a esperança acompanha os homens e com a esperança, neste caso, a curiosidade. Enxugue o suor, descance um pouco, e volte a procurar o terceiro, o quarto, o quinto caminho, até encontrar o verdadeiro. Supponho que todo o trabalho se compensará com o achado final.

VALENTIM.

Sim. Mas, se depois de tanto esforço fôr encontrar-me no verdadeiro caminho com algum outro viandante de mais tino e fortuna?

CARLOTA.

Outro?.. que outro? Mas... isto é uma simples conversa... O Sr. faz-me dizer cousas que não devo... *(cabe o lapis ao chão. Valentim apressa-se em apanhal-o e ajoelha nesse acto.)*

CARLOTA.

Obrigada. *(Vendo que elle continua ajoelhado.)* Mas levante-se!

VALENTIM.

Não seja cruel!

CARLOTA.

(Levantando-se.) Faça o favor de levantar-se!

VALENTIM.

(Levantando-se.) E' preciso pôr um termo a isto!

CARLOTA.

(Fingindo-se distraida.) A isto o que?

VALENTIM.

V. Ex. é de um sangue frio de matar!

CARLOTA.

Queria que me fervesse o sangue ? Tinha razão para isso. A que proposito fez esta scena de comedia ?

VALENTIM.

V. Ex. chama a isto comedia ?

CARLOTA.

Alta comedia, está entendido. Mas que é isto ? Está com lagrimas nos olhos ?

VALENTIM.

Eu ?.. ora... ora... que lembrança !

CARLOTA.

Quer que lhe diga ? Está ficando ridiculo.

VALENTIM.

Minha senhora !

CARLOTA.

Oh ! ridiculo ! ridiculo !

VALENTIM.

Tem razão. Não devo parecer outra cousa a seus olhos ! O que sou eu para V. Ex ? Um ente vulgar, uma facil conquista, que V. Ex entretém, ora animando, ora repellindo, sem deixar nunca conceber esperanças fundadas e duradouras. O meu coração virgem deixou-se arrastar. Hoje, se quizesse arrancar de mim este amor, era preciso arrancar com elle a vida. Oh ! não ria, que é assim !

CARLOTA.

Sinto que não possa ouvir-o com interesse.

VALENTIM.

Por que motivo havia de me ouvir com interesse ?

CARLOTA.

Não é por ter a alma secca ; é por não acreditar nisso.

VALENTIM.

Não acredita ?

CARLOTA.

Não.

VALENTIM.

(Esperançoso.) E se acreditasse ?

CARLOTA.

(Com indiferença.) Se acreditasse, acreditava !

VALENTIM.

Oh ! é cruel !

CARLOTA.

(Depois de um silencio.) Que é isso ? Seja forte ! Se não por si, ao menos pela posição esquerda em que me colloca.

VALENTIM.

(Sombrio.) Serei forte ! Fraco no parecer de alguns... forte no meu... Minha Senhora !

CARLOTA.

(Assustada.) Onde vae ?

VALENTIM.

*Até... minha casa ! Adeus ! (Sahe arrebatadamente. Carlota pára estacada ; depois vae ao fundo, volta ao meio da scena, vae a direita ; entra o Doutor.)***Scena V.**

CARLOTA, O DOUTOR.

DOUTOR.

Não me dirá, minha senhora, o que tem Valentim que passou por mim como um raio, agora, na escada ?

CARLOTA.

Eu sei! Ia mandar em procura delle. Disse-me aqui umas palavras ambigvas, estava exaltado, creio que...

DOUTOR.

Que se vae matar?... (*Correndo para a porta.*) Faltava mais esta !.. *Estaca.*) Não, não se ha de matar !

CARLOTA.

Ah !.. por que ?

DOUTOR.

Porque mora longe. No caminho ha de refletir e mudar de parecer. Os olhos das damas já perderam o condão de levar um pobre diabo á sepultura ; raros casos provam uma diminuta excepção.

CARLOTA.

De que olhos e de que-condão me falla ?

DOUTOR.

Do condão de seus olhos, minha senhora ! Mas que influencia é essa que V. Ex. exerce sobre o espirito de quantos se deixam apaixonar por seus encantos ? A um inspira a idéa de matar-se ; a outro exalta-o de tal modo, com algumas palavras e um toque de seu leque, que quasi chega a ser causa de um ataque apopletico !

CARLOTA.

Está me fallando grego !

DOUTOR.

Quer portuguez. minha senhora ? Vou traduzir o meu pensamento. Valentim é meu amigo. E' um rapaz, não direi virgem de coração, mas com tendencias ás paixões da sua idade. V. Ex. por sua graça e belleza inspirou-lhe, ao que parece, um desses amores profundos de que os romances dão exemplo. Com vinte e cinco annos, intelligente, bemquisto, podia fazer um melhor papel que o de namorado sem ventura. Graças a V. Ex., todas as suas qualidades estão aunuladas : o

rapaz não pensa, não vê, não conhece, não comprehende ninguém mais que não seja V. Ex.

CARLOTA.

Pára ahi a fantazia ?

DOUTOR.

Não, senhora. Ao seu carro atrelou-se com o meu amigo, um velho, um velho, minha senhora, que, com o fim de lhe parecer melhor, pinta a corôa veneravel de seus cabellos brancos. De sério que era, fel-o V. Ex. uma figurinha de papelão, sem vontade nem acção propria. Destes sei eu ; ignoro se mais algum dos que frequentam esta casa andam atordoados como estes dous. Creio, minha senhora, que lhe fallei no portuguez mais vulgar e proprio para me fazer entender.

CARLOTA.

Não sei até que ponto é verdadeira toda essa historia, mas consinta que lhe observe quanto andou errado em bater á minha porta. Que lhe posso eu fazer ? Sou eu culpada de alguma cousa ? A ser verdade isso que contou, a culpa é da natureza que os fez faceis de amar, e a mim, me fez... bonita ?

DOUTOR.

Pode dizer mesmo—encantadora.

CARLOTA.

Óbrigada !

DOUTOR.

Em troca do adjectivo deixe acrescentar outro não menos merecido:—namoradaira.

CARLOTA.

Ein ?

DOUTOR.

Na-mo-ra-dei-ra !

CARLOTA.

Está disendo cousas que não tem senso commum.

DOUTOR.

O senso commum é commum a dous modos de entender. E' mesmo a mais de dous. E' uma desgraça que nos achemos em divergencia.

CARLOTA.

Mesmo que fosse verdade não era delicado dizer....

DOUTOR.

Esperava por essa. Mas V. Ex. esquece que eu, lucido como estou hoje, já tive os meus momentos de allucinação. Já fei como Hercules a seus pés. Lembra-se? Foi ha tres annos. Incorregivel a respeito de amores, tinha razões para estar curado, quando vim cahir em suas mãos. Alguns allopathas costumam a mandar chamar õs homœopthas nos ultimos momentos de um enfermo e ha casos de salvação para o moribundo. V.Ex. servio-me de homœopathia, desculpe a comparação; deu-me uma dose de veneno tremenda, mas efficaz; desde esse tempo fiquei curado.

CARLOTA.

Admiro a sua fecundidade ! Em que tempo padeceo dessa febre de que tive a ventura de o curar ?

DOUTOR.

Já tive a honra de dizer que foi ha tres annos.

CARLOTA.

Não me recordo. Mas considero-me feliz por ter conservado ao foro um dos advogados mais distinctos da capital.

DOUTOR.

Póde accrescentar: e á humanidade um dos homêns mais utéis. Não se ria, sou um homem util.

CARLOTA.

Não me rio. Conjecturo em que se empregará a sua utilidade.

DOUTOR.

Vou auxiliar a sua penetração. Sou util pelos serviços que presto

aos viajantes noveis relativamente ao conhecimento das costas e dos perigos do curso marítimo; indico os meios de chegar sem maior risco á ilha desejada de Cythera.

CARLOTA.

Ah!

DOUTOR.

Essa exclamação é vaga e não me indica se V. Ex. está satisfeita ou não com a minha explicação. Talvez não acredite que eu possa servir aos viajantes?

CARLOTA.

Acredito. Acostumei-me a olha-lo como a verdade nua e crua.

DOUTOR.

E' o que dizia ha bocado áquelle doido Valentim.

CARLOTA.

A que proposito dizia?..

DOUTOR.

A que proposito? Queria que fosse a proposito da guerra dos Estados-Unidos? da questão do algodão? do poder temporal? da revolução da Grecia? Foi a respeito da unica cousa que nos pódo interessar, a elle, como marinheiro novel, e a mim, como capitão experimentado.

CARLOTA.

Ah! foi...

DOUTOR.

Mostrei-lhe os pontos negros do meu roteiro.

CARLOTA.

Creio que elle não ficou convencido...

DOUTOR.

Tanto não que se ia deitando ao mar.

CARLOTA.

Ora, venha cá. Fallemos um momento sem paixão nem rancor. Admitto que o seu amigo ande apaixonado por mim. Quero admittir tambem que eu seja uma namoradaira...

DOUTOR.

Perdão : uma encantadora namoradaira...

CARLOTA.

Dentada de morcego ; acceito.

DOUTOR.

Não : attenuante e aggravante ; sou advogado !

CARLOTA.

Admitto isso tudo. Não me dirá donde tira o direito de intrometter-se nos actos alheios, e de impôr as suas lições a uma pessoa, que o admira e estima, mas que não é, nem sua irmã, nem sua pupilla ?

DOUTOR.

Donde? Da doutrina christã : ensino os que erram.

CARLOTA.

A sua delicadesa não me hade incluir entre os que erram.

DOUTOR.

Pelo contrario ; dou-lhe um lugar de honra : é a primeira.

CARLOTA.

Sr. doutor !

DOUTOR.

Não se zangue, minha senhora. Todos erramos ; mas V. Ex. erra muito. Não me dirá de que serve, o que aproveita usar uma mulher bonita de seus encantos para espreitar um coração de vinte e cinco annos e atrahi-lo com as suas cantilenas, sem outro fim mais do que contar adoradores e dar um publico testemunho do que póde a sua bellésa ? Acha que é bonito ? Isto não revolta ? (*Movimento de Carlota*)

CARLOTA.

Por minha vez pergunto : donde lhe vem o direito de pregar-me sermões de moral ?

DOUTOR.

Não ha direito escripto para isto, é verdade. Mas, eu que já tentei trincar o cacho de uvas pendente, não faço como a raposa da fabula, fico ao pé da parreira para dizer ao outro animal que vier: Não seja tolo! não as alcançarás com o teu focinho! e á parreira impassivel: Secca as tuas uvas ou deixa-as cahir; é melhor do que tel-as ahi a fazer cobiça ás raposas avulsas! E' o direito da desforra!

CARLOTA.

Ia-me zangando. Fiz mal. Com o Sr. doutor é inutil discutir : falla-se pela razão, responde pela parabola.

DOUTOR.

A parabola é a razão do evangelho, e o evangelho é o livro que mais tem convencido.

CARLOTA.

Por taes disposições vejo que não deixa o posto de sentinella dos corações alheios ?

DOUTOR.

Avisador de incautos; é verdade.

CARLOTA.

Pois declaro que dou ás suas palavras o valor que merecem.

DOUTOR.

Nenhum ?

CARLOTA.

Absolutamente nenhum. Continuarei a receber com a mesma affabilidade o seu amigo Valentim.

DOUTOR.

Sim, minha senhora !

CARLOTA.

E ao doutor tambem.

DOUTOR.

E' magnanimidade.

CARLOTA.

E ouvirei com paciencia evangelica as suas predicas não encomendadas.

DOUTOR.

E eu prompto a proferil-as. Ah! minha senhora, se as mulheres soubessem quanto ganhariam se não fossem vaidosas! E' negocio de cincoenta por cento....

CARLOTA

Estou resignada : crucifique-me !

DOUTOR.

Em outra occasião.

CARLOTA.

Para ganhar forças quer almoçar segúnda vez ?

DOUTOR.

Hade consentir que recuse.

CARLOTA.

Por motivo de rancor ?

DOUTOR

(Pondo a mão no estomago.) Por motivo de incapacidade. *(Comprimenta e dirige-se á porta. Carlota sahe pelo fundo. Entra Valentim.)*

Scena VI.

O DOUTOR, VALENTIM.

DOUTOR.

Oh ! A que horas é o enterro ?

VALENTIM.

Que enterro ? De que enterro me fallas tu ?

DOUTOR.

Do teu. Não ias procurar o descanso, meu Werther ?

VALENTIM.

Ah ! não me falles ! Esta mulher... onde está ella ?

DOUTOR.

Almoça.

VALENTIM.

Sabes que a amo. Ella é invencivel. A's minhas palavras amorosas respondeu com a friesa do sarcasmo. Exaltei-me e cheguei a proferir algumas palavras que poderiam indicar da minha parte uma intenção tragica. O ar da rua fez-me bem ; acalmei-me...

DOUTOR.

Tanto melhor !...

VALENTIM.

Mas eu sou teimoso.

DOUTOR.

Pois ainda crês ?...

VALENTIM.

Ouve : sinceramente afflicto e apaixonado, apresentei-me a D. Carlota como era. Não houve meio de torna-la compassiva. Sei que não me ama ; mas creio que não está longe disso ; acha-se em um estado que basta uma fiação para accender-se-lhe no coração a chamma do amor. Se não se commoveu á franca manifestação do meu affecto ; hade commover-se a outro modo de revellção. Talvez não se incline ao homem poetico e apaixonado ; hade inclinar-se ao heroico ou até sceptico.... ou a outra especie . Vou tentar um por um.

DOUTOR.

Muito bem. Vejo que ratiocinas ! é porque o amor e a razão domi-

nam em ti com força igual. Graças a Deus, mais algum tempo e o predomínio da razão será certo.

VALENTIM.

Achas que faço bem ?

DOUTOR.

Não acho, não, senhor!

VALENTIM.

Por que ?

DOUTOR.

Amas muito esta mulher ? E' proprio da tua idade e da força das cousas. Não ha caso que desminta esta verdade reconhecida e provada : que a polvora e o fogo, uma vez proximos fazem explosão.

VALENTIM.

E' uma doce fatalidade esta !

DOUTOR.

Ouve-me calado. A que queres chegar com este amor ? Ao casamento ; é honesto e digno de ti. Basta que ella se inspire da mesma paixão, e a mão do hymeneu virá converter em uma só as duas existencias. Bem. Mas não te occorre uma cousa : é que esta mulher, sendo uma namoradeira, não póde tornar-se vestal muito cuidadosa da ara matrimonial.

VALENTIM.

Oh !

DOUTOR.

Protestas contra isto ? E' natural. Não serias o que és se accettasse á primeira vista a minha opinião. E' por isso que te peço reflexão e calma. Meu caro, o marinheiro conhece as tempestades e os navios ; eu conheço os amores e as mulheres ; mas avalio no sentido inverso do homem do mar ; as escunas veleiras são preferidas pelo homem do mar, eu voto contra as mulheres veleiras.

VALENTIM.

Chamas a isto uma razão ?

DOUTOR.

Chamo a isto uma opinião. Não é a tua! Hade sel-o com o tempo. Não me faltará occasião de chamar-te ao bom caminho. A tempo o ferro é mesinha, disse Sá de Miranda. Empregarei o ferro.

VALENTIM.

O ferro ?

DOUTOR.

O ferro. Só as grandes coragens é que se salvam. Devi a isso salvar-me das unhas deste gavião disfarçado de quem queres fazer tua mulher.

VALENTIM.

O que estás disendo ?

DOUTOR.

Cuidei que sabias. Tambem eu já trepei pela escada de seda para cantar a cantiga do Romeo á janella de Julieta.

VALENTIM.

Ah !

DOUTOR.

Mas não passei da janella. Fiquei ao relento do que me resultou uma constipação.

VALENTIM.

E' natural. Pois como havia ella de amar a um homem que quer levar tudo pela razão fria dos seus libellos e embargos de terceiro?

DOUTOR.

Foi isso que me salvou; os amores como os desta mulher precisam um tanto ou quanto de chicana. Passo pelo advogado mais chicaneiro do fóro; imagina se a tua viuva podia haver-se comigo! Veio o

meu dever com embargos de terceiro e eu ganhei a demanda. Se, em vez de comer tranquillamente a fortuna de teu pai, tivesses cursado a academia de S. Paulo ou Olinda, estavas, como eu, armadô de broquel e cota de malhas.

VALENTIM.

E' o que te parece. Podem acaso as ordenações e o código penal contra os impulsos do coração? E' querer reduzir a obra de Deos á condição da obra dos homens. Mas bem vejo que és o advogado mais chicaneiro do fôro.

DOUTOR.

E portanto, o melhor.

VALENTIM.

Não, o peor, por quê não me convenceste.

DOUTOR.

Ainda não?

VALENTIM.

Nem me convencerás nunca.

DOUTOR.

Pois é pena!

VALENTIM.

Vou tentar os meios que tenho em vista; se nada alcançar talvez me resigne á sorte.

DOUTOR.

Não tentes nada. Anda jantar comigo e vamos á noite ao theatro.

VALENTIM.

Com ella? Vou.

DOUTOR.

Nem me lembrava que a tinha convidado.

VALENTIM.

Espero que heide vencer.

DOUTOR.

Com que contas? Com a tua estrella? Boa fiança!

VALENTIM.

Conto comigo.

DOUTOR.

Ah! melhor ainda!

Scena VII.

DOUTOR, VALENTIM, INNOCENCIO.

INNOCENCIÓ.

O corredor está deserto.

DOUTOR.

Os criados servem á mesa. D. Carlota está almoçando. Está melhor?

INNOCENCIO.

Um tanto.

VALENTIM.

Esteve doente, Sr. Innocencio?

INNOCENCIO.

Sim, tive uma ligeira vertigem. Passou. Efeitos do amor... quero dizer... do calor.

VALENTIM.

Ah!

INNOCENCIO.

Pois olhe já soffri calor de estalar passarinho. Não sei como isto foi. Emfim, são cousas que dependem das circumstancias.

VALENTIM.

Houve circumstancias ?

INNOGENCIO.

Houve... (*sorrindo*) Mas não as digo... não !

VALENTIM.

E' segredo ?

INNOCENCIO.

Se é !

VALENTIM.

Sou discreto, como uma sepultura ; falle !

INNOCENCIO.

Oh ! não ! E' um segredo meu e de mais ninguem... ou a bem dizer, meu e de outra pessoa... ou não, meu só !

DOCTOR.

Respeitamos os segredos, seus ou de outros !

INNOCENCIO.

V. S. é um portento ! Nunca me hei de esquecer que me comprou ao sol ! A certos respeitos andou avisado : eu sou uma especie de sol, com uma differença, é que não nasço para todos, nasço para todas !

DOCTOR.

Oh ! Oh !

VALENTIM.

Mas V. S. está mais na idade de morrer que de nascer.

INNOCENCIO.

Apre lá ! com trinta e oito annos, a idade viril ! V. S. é que é uma criança !

VALENTIM.

Enganaram-me então. Ouvi dizer que V. S. fôra dos ultimos a beijar a mão de D. João VI, quando daqui se foi, e que nesse tempo era já taludo..

INNOCENCIO.

Há quem se divirta em calumniar a minha idade. Que gente invejosa ! Onde vae, doutor ?

DOUTOR.

Vou sahir.

VALENTIM.

Sem fallar a D. Carlota ?

DOUTOR.

Já me havia despedido quando chegaste. Hei de voltar. Até logo. Adeus, Sr. Innocencio !

INNOCENCIO.

Felizes tardes, Sr. Doutor !

Scena VIII.

VALENTIM, INNOCENCIO.

INNOCENCIO.

E' uma perola este doutor ! Delicado e bem fallante ! Quando abre a boca parece um deputado na assembléa ou um comico na casa da opera !

VALENTIM.

Com trinta e oito annos e ainda falla na casa da opera !

INNOCENCIO.

Parece que V. S. ficou engasgado com os meus trita e oito annos !
 Suppõe talvez que eu seja um Mathusalem ? Está enganado. Como
 me vê, faço andar á roda muita cabecinha de moça. A proposito, não
 acha esta viuva uma bonita senhora ?

VALENTIM.

Acho.

INNOCENCIO.

Pois é da minha opinião ! Delicada, graciosa, elegante, faceira,
 como ella só.... Ah !

VALENTIM.

Gosta della ?

INNOCENCIO.

(Com indifferença.) Eu ? gosto. E V. S. ?

VALENTIM.

(Com indifferença.) Eu ? gosto.

INNOCENCIO.

(Com indifferença.) Assim, assim ?

VALENTIM.

(Com indifferença.) Assim, assim.

INNOCENCIO.

(Contentissimo, apertando-lhe a mão.) Ah ! meu amigo !

Scena IX.

VALENTIM, INNOCENCIO, CARLOTA.

VALENTIM.

Aguardava-mos a sua chegada com a sem cerimonia de pessoas
 intimas.

CARLOTA.

Oh ! fizeram muito bem ! *(Senta-se.)*

INNOCENCIO.

Não occultarei que estava ansioso pela presença de V. Ex.

CARLOTA.

Ah ! obrigada... Aqui estou ! *(Um silencio.)* Que novidades ha, Sr. Innocencio ?

INNOCENCIO.

Chegou o paquete.

CARLOTA.

Ah ! *(Outro silencio.)* Ah ! chegou o paquete ? *(Levanta-se.)*

INNOCENCIO.

Já tive a honra de...

CARLOTA.

Provavelmente traz noticias de Pernambuco ?.. do cholera ?..

INNOCENCIO.

Costuma a trazer...

CARLOTA.

Vou mandar ver cartas... tenho um parente no Recife... Tenham a bondade de esperar...

INNOCENCIO.

Por quem é... não se encomode. Vou eu mesmo.

CARLOTA.

Ora ! tinha que ver...

INNOCENCIO.

Se mandar um escravo ficará na mesma... demais, eu tenho rela-

ções com a administração do correio... O que talvez ninguém possa alcançar já e já, eu me encarrego de obter.

CARLOTA.

A sua dedicação corta-me a vontade de impedi-lo. Se me faz o favor...

INNOCENCIO.

Pois não, até já! (*Beija-lhe a mão e sahe*).

Scena X.

CARLOTA, VALENTIM.

CARLOTA.

Ah! ah! ah!

VALENTIM.

V. Ex. ri-se?

CARLOTA.

Acredita que foi para despedi-lo que o mandei vêr cartas ao correio?

VALENTIM.

Não ousou pensar...

CARLOTA.

Onse, porque foi isso mesmo.

VALENTIM.

Haverá indiscrição em perguntar com que fim?

CARLOTA.

Com o fim de poder interroga-lo acerca do sentido de suas palavras quando daqui sahio.

VALENTIM.

Palavras sem sentido...

CARLOTA.

Oh!

VALENTIM.

Disse algumas cousas... tolas!

CARLOTA.

Está tão calmo para poder avaliar desse modo as suas palavras?

VALENTIM.

Eston.

CARLOTA.

Demais, o fim tragico que queria dar a uma cousa que começou por idyllo... devia assusta-lo.

VALENTIM.

Assustar-me? Não conheço o termo.

CARLOTA.

E' intrepido?

VALENTIM.

Um tanto. Quem se expôz á morte não deve teme-la em caso nenhum.

CARLOTA.

Oh! oh! poeta, e intrepido de mais a mais.

VALENTIM.

Como lord Byron.

CARLOTA.

Era capaz de uma segunda prova do caso de Leandro?

VALENTIM.

Era. Mas eu já tenho feito cousas equivalentes.

CARLOTA.

Matou algum elephante, algum hyppopotamo ?

VALENTIM.

Matei uma onça.

CARLOTA.

Uma onça ?

VALENTIM.

Pelle malhada das côres mais vivas e esplendidas; garras largas e possantes; olhar fulvo, peito largo, e duas ordens de dentes afiados como espadas.

CARLOTA.

Jesus! Esteve diante desse animal !

VALENTIM.

Mais do que isso; lutei com elle e matei-o.

CARLOTA.

Onde foi isso ?

VALENTIM.

Em Goyaz.

CARLOTA.

Conte essa historia, novo Gaspar Corrêa.

VALENTIM.

Tinha eu vinte annos. Andavamos á caça eu e mais alguns. Internamo-nos mais do que deviamos pelo mato. Eu levava comigo uma espingarda, uma pistola e uma faca de caça. Os meus companheiros affastaram-se de mim. Tratava de procura-los quando senti passos... Voltei-me...

CARLOTA.

Era a onça ?

VALENTIM.

Era a onça. Com o olhar fito sobre mim parecia disposta a dar-me o bote. Encarei-a, tirei cautelosamente a pistola e atirei sobre ella. O tiro não lhe fez mal. Protegido pelo fumo da pólvora, acastelei-me átraz de um tronco de arvore. A onça foi-me no encalço, e durante algum tempo andámos, eu e ella, a dançar á roda do tronco. Repentinamente levantou as patas e tentou esmagar-me abraçando a arvore, mais rapido que o raio, agarrei-lhe as mãos e apertei-a contra o tronco. Procurando escapar-me, a fera quiz morder-me em uma das mãos; com a mesma rapidez tirei a peça de caça e cravei-lha no pescoço; agarrei-lhe de nova patá e continuei a aperta-la, até que os meus companheiros, orientados pelo tiro, chegaram ao lugar do combate.

CARLOTA.

E mataram?...

VALENTIM.

Não foi preciso. Quando larguei as mãos da fera, um cadaver pesado e tepido cahio no chão.

CARLOTA.

Ora, mas isto é a historia de um quadro da Academia!

VALENTIM.

Só ha um exemplar de cada feito heroico?

CARLOTA.

Pois, deveras, matou uma onça?

VALENTIM.

Conservo-lhe a pelle como uma reliquia preciosa.

CARLOTA.

E' valente; mas pensando bem não sei de que vale ser valente.

VALENTIM.

CARLOTA.

Palavra que não sei. Essa valentia fóra do commum não é dos nossos dias. As proezas tiveram seu tempo; não me enthusiasma essa luta do homem com a fera, que nós aproxima dos tempos barbaros da humanidade. Compreendo agora a razão porque usa dos perfumes mais activos; é para disfarçar o cheiro dos filhos do matto, que naturalmente hade ter encontrado mais de uma vez. Faz bem.

VALENTIM.

Féra verdadeira é a que V. Ex. me atira com esse riso sarcastico. O que pensa então que possa excitar o enthusiasmo?

CARLOTA.

Ora, muita cousa! Não o enthusiasmo dos heroes de Homero; um enthusiasmo mais condigno dos nossos tempos. Não precisa ultrapassar as portas da cidade para ganhar títulos á admiração dos homens.

VALENTIM.

V. Ex. acredita que seja uma verdade o aperfeiçoamento moral do homens na vida das cidades?

CARLOTA.

Acredito.

VALENTIM.

Pois acredita mal. A vida das cidades estraga os sentimentos. Aquelles que eu pude ganhar e entreter na assistencia das florestas, perdi-os depois que entrei na vida tumultuaria das cidades. V. Ex. ainda não conhece as mais verdadeiras opiniões.

CARLOTA.

Dar-se-ha caso que venha pregar contra o amor?...

VALENTIM.

O amor! V. Ex. pronuncia essa palavra com uma veneração que parece estar fallando de cousa sagrada! Ignora que o amor é uma invenção humana?

CARLOTA.

Oh!

VALENTIM.

Os homens, que inventaram tanta cousa, inventaram tambem este sentimento. Para dar justificação moral á união dos séxos inventou-se o amor, como se inventou o casamento para dar-lhe justificação legal. Esses pretextos, com o andar do tempo, tornaram-se motivos. Eis o que é o amor!

CARLOTA.

E' mesmo o senhor quem me falla assim?

VALENTIM.

Eu mesmo.

CARLOTA.

Não parece. Como pensa a respeito das mulheres?

VALENTIM.

Ahi é mais difficil. Penso muita cousa e não penso nada. Não sei como avaliar essa outra parto da humanidade extrahida das costellas de Adão. Quem pôde pôr leis ao mar? E' o mesmo com as mulheres. O melhor é navegar descuidadamente, a panno largo.

CARLOTA.

Issó é leviandade.

VALENTIM.

Oh! minha senhora!

CARLOTA.

Chame leviandade para não chamar despeito.

VALENTIM.

Então ha muito tempo que sou leviano ou ando despeitado, porque esta é a minha opinião de longos annos. Pois ainda acredita na affeição intima entre a descrença masculina e... dá licença? a leviandade feminina?

CARLOTA.

É um homem perdido, Sr. Valentim. Ainda ha santas affeições, crenças nos homens, e juizo das mulheres. Não queira tirar a prova real pelas excepções. Somme a regra geral e hade ver. Ah!. mas agora percebo!

VALENTIM.

O que?

CARLOTA.

(Rindo). Ah! ah! ah! Ouça muito baixinho, para que nem as paredes possam ouvir: este não é ainda o caminho do meu coração, nem a valentia, tão pouco.

VALENTIM.

Ah! tanto melhor! Volto ao ponto da partida e desisto da gloria...

CARLOTA.

Desanima? (*Entra o doutor*).

VALENTIM.

Dou-me por satisfeito. Mas já se vê, como cavalleiro, sem rancor nem hostilidade. (*Entra Innocencio*).

CARLOTA.

É arriscar-se a novas tentativas.

VALENTIM.

Não.

CARLOTA.

Não seja vaidoso. Está certo?

VALENTIM.

Estou. E a razão é esta: quando não se pode atinar com o caminho do coração toma-se—o caminho da porta. (*Comprimenta e dirige-se pra a porta*).

CARLOTA.

Ah!—Pois que vá!—Estava ali Sr. doutor? Tome cadeira.

DOUTOR.

(*Baixo*). Com uma advertencia:—Ha muito tempo que me fui pelo caminho da porta.

CARLOTA.

(*Seria*). Prepararam ambos esta comedia ?

DOUTOR.

Comedia, com effeito, cuja moralidade Valentim incumbio-se de resumir—Quando não se pode atinar com o caminho do coração, deve-se tomar sem demora o caminho da porta. (*Sahem o doutor e Valentim*)

CARLOTA.

(*Vendo Innocencio*). Pode sentar-se. (*Indica-lhe uma cadeira. Risonha*). Como passou?

INNOCENCIO.

(*Senta-se meio desconfiado, mas levanta-se logo*). Perdão : eu tambem vou pelo caminho da porta! (*Sahe. Carlota atravessa arrebatadamente a scena. Cahe o panno.*)

FIM.

O PROTOCOLLO

COMEDIA EM UM ACTO

REPRESENTADA PELA PRIMEIRA VEZ NO ATHENEU DRAMATICO

EM NOVEMBRO DE 1862.

PERSONAGENS.

PERSONAGENS.

Pinheiro .

Venancio Alves.

Eliza !.

Lulu

Actualidade.

ACTORES.

Sr. Cardozo.

» Pimentel.

Sra. D. Maria Fernanda.

• D. Jesuina Montani⁷

O PROTOCOLLO.

EM CASA DE PÍNHEIRO.

Salla de visitas.

Scena I.

ELIZA VENANCIO ALVES.

ELIZA.

Está meditando ?

VENANCIO.

(*Como que accordando.*) Ah ! perdão !

ELIZA.

Estou affeita á alegria constante de Lulú, e não posso ver ninguem triste.

VENANCIO.

Excepto a senhora mesma.

ELIZA.

En !

VENANCIO.

A senhora !

ELIZA.

Triste, porque, meu Deus ?

VENANCIO.

Eu sei! Se a roza dos campos me fizesse a mesma pergunta, eu responderia que era falta de orvalho e de sol. Quer que lhe diga que é falta de..... de amor?

ELIZA.

(Rindo-se.) Não diga isso!

VENANCIO.

Com certeza, é.

ELIZA.

Donde concluo?

VENANCIO.

A senhora tem um sol official e um orvalho legal que não sabem animal-a. Ha nuvens...

ELIZA.

E' suspeita sem fundamento.

VENANCIO.

E' realidade.

ELIZA.

Que franqueza a sua!

VENANCIO.

Ah! é que o meu coração é virginal, e portanto sincero.

ELIZA.

Virginal a todos os respeitos?

VENANCIO.

Menos a um.

ELIZA.

Não serei indiscreta : é feliz.

VENANCIO.

Esse é o engano. Basta essa excepção para trazer-me em um temporal. Tive até certo tempo o socogo e a paz do homem que está fechado no gabinete sem se lhe dar da chuva que açoita as vidraças.

ELIZA.

Porque não se deixou ficar no gabinete?

VENANCIO.

Podia acaso faze-lo? Passou fóra a melodia do amor; o coração é curioso e bateu-me que sahisse, levantei-me, deixei o livro que estava lendo; era *Paulo e Virginia*! Abri a portá e nesse momento a fada passava. (*Reparando nella.*) Era de olhos negros e cabellos castanhos.

ELIZA.

Que fez?

VENANCIO.

Deixei o gabinete, o livro, tudo para seguir a fada do amor!

ELIZA.

Não reparou se ella ia só?

VENANCIO.

(*Suspirando.*) Não ia só!

ELIZA.

(*Em tom de censura.*) Fez mal.

VENANCIO.

Talvez. Curioso animal que é o homem! Em criança deixa a casa paterna para acompanhar os batalhões que vão á parada; na mocidade deixa os conchegos e a paz para seguir a fada do amor; na idade madura deixa-se levar pelo deos Momo da politica ou por qual-quer outra fabula do tempo. Só na velhice deixa passar tudo sem mover-se, mas... é porque já não tem pernas!

ELÍZA.

Mas que tencionava fazer se ella não ia só?

VENANCIO.

Nem sei.

ELIZA.

Foi loucura. Apanhou chuva ?

VENANCIO

Ainda estou apanhando.

ELIZA.

Então é um extravagante,

VENANCIO.

Sim. Mas um extravagante por amor.... O' poesia !

EL'ZA.

Máo gosto !

VENANCIO.

A Sra. é a menos competente para dizer isso.

ELIZA.

E' sua opinião ?

VENANCIO.

E' opinião deste espelho.

ELIZA.

Ora !

VENANCIO.

E dos meus olhos tambem.

ELIZA.

Tambem dos seus olhos ?

VENANCIO.

Olhe para elles.

ELIZA.

Estou olhando,

VENANCIO.

O que vê dentro?

ELIZA.

Vejo... *(Com enfado)*. Não vejo nada!

VENANCIO.

Ah! está convencida!

ELIZA.

Presumido!

VENANCIO.

Eu! Essa agora não é má!

ELIZA.

Para que seguio quem passava quieta pela rua? Suppunha abrandala com as suas magoas?

VENANCIO.

Acompanhei-a, não para abrandal-a, mas para servil-a; viver do rasto de seus pés, das migalhas dos seus olhares; apontar-lhe os regos a saltar, apanhar-lhe o leque quando cahisse.... *(Cabe o leque a Eliza. Venancio Alves apressa-se a apanha-lo e entrega-lh'o)*. Finalmente,...

ELIZA.

Finalmente... fazer profissão de presumido!

VENANCIO.

Acredita deveras que o seja?

ELIZA.

Parece..

VENANCIO.

Pareço, mas não sou. Presumido seria se eu exigisse a attenção exclusiva da fada da noite. Não quero! Basta-me ter coração para amal-a, é a minha maior ventura!

O PROTOCOLLO.

ELIZA.

A que pode levar-o esse amor? Mais vale suffocar no coração a chamma nascente do que condemnal-o a arder em vão.

VENANCIO.

Não; é uma fatalidade! Arder e renascer, como a phenix, supplicio eterno, mas amor eterno tambem.

ELIZA.

Eia! Ouça uma... amiga. Não dê a esse sentimento tanta importancia. Não é a fatalidade da phenix, é a fatalidade... do relógio. Olhe para aquelle. Lá anda correndo e regulando; mas se amanhã não lhe derem corda, elle parará. Não dê corda á paixão, que ella parará por si.

VENANCIO.

Isso não!

ELIZA.

Faça isso... por mim!

VENANCIO.

Pela senhora! Sim.... Não....

ELIZA.

Tenha animo!

Scena II.

VENANCIO ALVES, ELIZA, PINHEIRO.

PINHEIRO.

(A Venancio.) Como está?

VENANCIO.

Bom. Conversavamos sobre cousas da moda. Viu os ultimos figurinos? São de apurado gosto.

PINHEIRO.

Não vi.

VENANCIO.

Está com um ar triste.....

PINHEIRO

Triste, não; aborrecido..... E' a minha molestia do domingo.

VENANCIO.

Ah!

PINHEIRO.

Ando a abrir e fechar a boca; é um circulo vicioso.

ELIZA.

Com licença.

VENANCIO.

Oh! minha senhora!

ELIZA.

Eu faço annos hoje; venha jantar connosco.

VENANCIO.

Venho. Até logo.

Scena III.

PINHEIRO, VENANCIO ALVES.

VENANCIO.

Anda então em um circulo vicioso?

PINHEIRO.

E' verdade. Tentei dormir, não pude; tentei ler, não pude. Que tédio, meu amigo!

VENANCIO.

Admira !

PINHEIRO.

Porque ?

VENANCIO.

Porque não sendo viuvo nem solteiro....

PINHEIRO.

Sou casado....

VENANCIO.

E' verdade.

PINHEIRO.

Que adianto ?

VENANCIO.

E' boa ! adianta ser casado. Comprehende nada melhor que o casamento ?

PINHEIRO.

O que pensa da China, Sr. Venancio ?

VENANCIO

Eu ? Penso...

PINHEIRO,

Já sei, vai repelir-me o que tem lido nos livros e visto nas gravuras; não sabe mais nada.

VENANCIO.

Mas as narrações veridicas....

PINHEIRO.

São mingoadas ou exageradas. Vá á China, e verá como as cousas mudam tanto ou quanto de figura.

VENANCIO.

Para adquirir essa certeza não vou lá.

PINHEIRO.

E' o que lhe aconselho; não se case!

VENANCIO.

Que não me case?

PINHEIRO.

Ou não vá a China, como queira. De fóra, conjecturas, sonhos, castellos no ar, esperanças, commoções... Vem o padre, dá a mão aos noivos, leva-os, chegam ás muralhas.... Upa! estão na China! Com a altura da quédia fica-se atordoado, e os sonhos de fóra continuam dentro: é a lua de mel; mas, á porporção que o espirito se restabelece, vai vendo o paiz como elle é; então poucos lhe chamam celeste imperio, alguns infernal imperio, muitos purgatorial imperio!

VENANCIO.

Ora, que banalidade!

PINHEIRO.

Parece-lhe?

VENANCIO.

E que sophisma!

PINHEIRO.

Quantos annos tem, Sr. Venanció?

VENANCIO.

Vinte e quatro.

PINHEIRO.

Está com a mania que eu tinha na sua idade.

VENANCIO.

Qual mania?

PINHEIRO.

A de querer accomodar todas as casas á logica, e a logica a todas as cousas. Viva, experimente e convencer-se-ha de que nem sempre se póde alcançar isso.

VENANCIO.

Quer-me parecer que ha nuvens no céo conjugal?

PINHEIRO.

Ha. Nuvens pezadas.

VENANCIO.

Já eu as tinha visto com o meu telescópio.

PINHEIRO.

Ah! se eu não estivesse preso...

VENANCIO.

E' exaggeração de sua parte. Capitule, Sr. Pinheiro, capitule. Com mulheres bonitas é um consolo capitular. Ha de sêr o meu preceito de marido.

PINHEIRO.

Capitular é vergonha.

VENANCIO.

Com uma moça encantadora?...

PINHEIRO.

Não é uma razão.

VENANCIO.

Alto lá! Belleza obriga.

PINHEIRO.

Póde ser verdade, mas eu peço respeitosa licença para declarar-lhe que estou com o novo principio da não-intervenção nos estados. Nada de intervenções.

VENANCIO.

A minha intervenção é toda conciliatoria.

PINHEIRO.

Não duvido, nem duvidava. Não veja no que disse injúria pessoal. Folgo de recebê-lo e de contá-lo entre os afeiçoados de minha família.

VENANCIO.

Muito obrigado. Dá-me licença ?

PINHEIRO.

Vai rancoroso ?

VENANCIO.

Ora qual ! Até a hora do jantar.

PINHEIRO.

Ha de desculpar-me, não janto em casa. Mas considere-se com a mesma liberdade. (*Sahe Venancio. Entra Lulú.*)

Scena IV.

PINHEIRO, LULÚ.

LULÚ.

Viva primo !

PINHEIRO.

Como estás, Lulú ?

LULÚ.

Meu Deus, que cara feia !

PINHEIRO.

Pois é a que trago sempre.

LULU'

Não é, não, senhor; a sua cara de costume é uma cara amavel; essa é de afugentar a gente. Deu agora para andar arrufado com sua mulher!

PINHEIRO.

Máu!

LULU'.

Escusa de zangar-se tambem comigo. O primo é um bom marido; a prima é uma excellente esposa; ambos formam um excellente casal. E' bonito andarem amuados, sem se olharem nem se fallarem? Até parece namoro!

PINHEIRO.

Ah! tu namoras assim?

LULU'.

Eu não namoro.

PINHEIRO.

'Com essa idade?

LULU'.

Pois então! Mas escute: estes arrufos vão continuar?

PINHEIRO.

Eu sei lá.

LULU'.

Sabe, sim. Veja se isto é bonito na lua de mel; ainda não ha cinco mezes que se casaram.

PINHEIRO.

Não ha, não. Mas a data não vem ao caso. A lua de mel offuscouse; é alguma nuvem que passa; deixa-la passar. Queres que eu faça como aquelle doudo que, ao ennuclar-se o luar, pedia a Jupiter que espevitasse o candieiro? Jupiter é independente, e me apagará.

de todo o luar, como fez com o doudo. Aguardemos antes que algum vento sobre do norte, ou do sul, e venha dissipar a passageira sombra.

LULU'.

Pois sim! Ella é o norte, o primo é o sul; faça com que o vento sobre do sul.

PINHEIRO.

Não, senhora, hade soprar do norte.

LULU'.

Capricho sem graça !

PINHEIRO.

Queres saber de uma cousa, Lulú? Estou pensando que és uma brisinha do norte encarregada de fazer clarear o céu.

LULU'.

Oh! nem por graça !

PINHEIRO.

Confessa, Lulú !

LULU'.

Posso ser uma brisa do sul, isso sim !

PINNEIRO.

Não terás essa gloria.

LULU'.

Então o primo é caprichoso assim ?

PINHEIRO.

Caprichoso? Ousas tu, posteridade de Eva, fallar de capricho a mim, posteridade de Adão!

LULU'.

Oh!.. ..

PINHEIRO.

Tua prima é uma caprichosa. De seus caprichos nasceram estas diferenças entre nós. Mas para caprichosa, caprichoso : contrafiz-me, estudei no código femenino meios de pôr os pés á parede, e tornei-me de antes quebrar que torcer. Se ella não der um passo, tambem eu não dou.

LULU'.

Pois eu estendo a mão direita a um, e a esquerda a outro, e os aproximarei,

PINHEIRO.

Queres ser o anjo da reconciliação ?

LULU'.

Tal qual.

PINHEIRO.

Com tanto que eu não passe pelas forças caudinas.

LULU'.

Heide fazer as cousas airosamente.

PINHEIRO.

Insistes nisso? Eu podia dizer que era ainda um capricho de mulher. Mas não digo não, chamo antes affeição e dedicação.

Scena V.

PINHEIRO, LULU', ELIZA.

LULU'.

(*Baixo*) Olhe, ali está ella!

PINHEIRO.

(*Baixo*) Deixa-la.

ELIZA.

Andava a tua procura, Lulú.

LULU'.

Para que, prima?

ELIZA.

Para me dares uma pouca de lã.

LULU'.

Não tenho aqui; vou buscar.

PINHEIRO.

Lulú!

LULU'.

O que é?

PINHEIRO.

(Baixo). Dize a tua prima que eu janto fóra.

LULU'.

(Indo a Eliza, baixo). O primo janta fóra.

ELIZA.

(Baixo). Se é por ter o que fazer podemos esperar.

LULU'.

(A Pinheiro, baixo). Se é por ter fazer' podemos esperar.

PINHEIRO.

(Baixo). E' um convite.

LULU'.

(Alto). E' um convite.

ELIZA.

(Alto) Ah! se é um convite pode ir; jantaremos sós.

PINHEIRO.

(Levantando-se). Consentirá, minha senhora, que lhe faça uma observação: mesmo sem a sua licença, eu podia ir!

ELIZA.

Ah! é claro! Direito de marido.... Quem lh'o contesta?

PINHEIRO.

Havia de ser engraçada a contestação!

ELIZA.

Mesmo muito engraçada!

PINHEIRO.

Tanto, quanto foi ridícula a licença.

LULU'.

Primo!

PINHEIRO.

(A Lulu). Cuida das tuas novellas! Vai encher a cabeça de romantismo, é moda; colhe as idéas absurdas que encontrares nos livros, e depois faz da casa de teu marido a scena do que houveres aprendido com as leituras: é tambem moda. *(Sahe arrebatadamente)*.

Scena VI.

LULU', ELIZA.

LULU'.

Como está o primo!

ELIZA.

Máo humor, hade passar!

LULU'.

Sabe como passava depressa? Pondo fim a estes amúos.

ELIZA.

Sim, mas cedendo elle.

LULU'.

Ora, isso é teima!

ELIZA.

E' dignidade!

LULU'.

Passam dias se fallarem, e, quando se fallam, é assim.

ELIZA.

Ah! isto é o que menos cuidado me dá. Ao principio fiquei amofinada, e devo dize-lo, chorei. São cousas estas que só se confessam entre mulheres. Mas hoje vou fazer os que as outras fazem: curar pouco das torturas domesticas. Coração á larga, minha filha, ganha-se o céu, e não se perde a terra.

LULU'.

Isso é zanga!

ELIZA.

Não é zanga, é philosophia. Há de chegar o teu dia, deixa estar. Saberás então quanto vale a sciencia do casamento.

LULU'.

Pois explica, mestra.

ELIZA.

Não; saberás por ti mesma. Quero, entretanto, instruir-te de uma cousa. Não lhe ouviste fallar no direito? E' engraçada a historia do direito! Todos os poetas concordam em dar ás mulheres o nome de

anjos. Os outros homens não se atrevem a negar, mas dizem consigo «Tambem nós somos anjos!» Nisto ha sempre um espelho ao lado, que lhes faz ver que, para anjos faltam-lhes... azas. Azas! azas! a todo o custo. E arranjam-as; legitimas ou não, pouco importa. Essas azas os levam a jantar fóra, a dormir fóra, muitas vezes a amar fóra. A essas azas chamam emphaticamente: o nosso direito!

LULU'.

Mas, prima, as nossas azas?

ELIZA.

As nossas? Bem se vê que és inexperiente. Estuda, estuda, e has de acha-las.

LULU'.

Prefiro não usar dellas.

ELIZA.

Hasde dizer o contrario quando fôr occasião. Meu marido lá bateu ás suas; o direito de jantar fóra! Caprichou em não levar-me a casa de minha madrinha; é ainda o direito. Daqui nasceram os nossos arrufos, arrufos serios. Uma santa zangar-se-hia, como eu. Para caprichoso, caprichosa!

LULU'.

Pois sim! mas estas cousas vão dando na vista; já as pessoas que frequentam a nossa casa têm reparado; o Venancio Alves não me deixa socegar com as suas perguntas.

ELIZA.

Ah! sim!

LULU'.

Que rapaz aborrecido, prima!

ELIZA.

Não acho!

LULU'.

Pois eu acho : aborrecido com as suas affectações !

ELIZA.

Cómo aprecias mal ! Elle falla com graça e chamal-o affectado !..

LULU'.

Que olhos os séus, prima !

ELIZA.

(*Indo ao espelho.*) São bonitos ?

LULU'.

São máus.

ELIZA.

Em que, minha philosopha ?

LULU'.

Em verem o anverso de Venancio Alves, e o reverso do primo.

ELIZA.

E's uma tola.

LULU'.

Só ?

ELIZA.

E uma descomedida.

LULU'.

E' porque os amo a ambos. E depois....

ELIZA.

Depois, o que ?

LULU'.

Vejo no Venancio Alves um arzinho de pretendente.

ELIZA.

A' tua mão direita ?

LULU'.

A' tua mão esquerda.

ELIZA.

Oh!

LULU'.

E' cousa que se advinha... (*ouve-se um carro.*) Ah! está o homem.

ELIZA.

*Vai recebê-lo. (Lulu' vai até á porta. Eliza chega-se a um espelho e compõe o toucado.)***Scena VII.**

ELISA, LULU', VENANCIO.

LULU'

O Sr. Venancio Alves chega a proposito; fallavamos na sua pessoa.

VENANCIO.

Em que occupava eu a attenção de tão gentis senhoras ?

LULU'.

Faziamos o inventario das suas qualidades.

VENANCIO.

Exageravam-me o cabedal, já sei.

LULU'

A prima dizia : «Que moço amavel é o Sr. Venancio Alves!»

VENANCIO.

Ah! e a senhora?

LULU'.

Eu dizia : « Que moço amabillissimo é o Sr. Venancio Alves ! »

VENANCIO.

Dava-me o superlativo. Não me cabe no chão esta attenção grammatical.

LULU'.

Eusou assim : estimo ou aborreço no superlativo. Não é prima ?

ELIZA.

(*Contrariada*) Eu sei lá !

VENANCIO.

Com deve ser triste cahir-lhe no desagrado !

LULU'.

Vou avisando, é o superlativo !

VENANCIO.

Dou-me por feliz. Créio que lhe cahi em graça....

LULU'.

Cahio ! Cahio ! Cahio !

ELIZA.

Lulú, vai buscar a lâ.

LULU'.

Vou prima, vou. (*Sahé correndo*).

Scena VIII.

VENANCIO, ELIZA.

VENANCIO.

Vôa qual uma andorinha esta moça !

ELIZA:

E' proprio da idade.

VENANCIO.

Vou sangrar-me...

ELIZA.

Ein ?

VENANCIO.

Sangrar-me em saude contra uma suspeita sua.

ELIZA.

Suspeita?

VENANCIO.

Suspeita de haver-me adiantado o meu relógio.

ELIZA.

(*Rindo.*) Posso crê-lo.

VENANCIO.

Estará em erro. Olhe, são duas horas; confronte con o seu : duas horas.

ELIZA.

Pensa que acreditei seriamente ?

VENANCIO.

Vim mais cedo, e de passagem. Quiz anticipar-me aos outros no cumprimento de um dever. Os antigos, em prova de respeito, depunham aos pés dos deuses grinaldas e festões ; o nosso tempo, infinitamente prosaico, só nos permite offerendas prosaicas; neste album ponho eu o testemunho do meu jubilo pelo dia de hoje.

ELIZA.

Obrigada. Creio no sentimento que o inspira e admiro o gosto da escolha.

VENANCIO.

Não é a mim que deve tecer o elogio.

ELIZA.

Foi gosto de quem vendeu ?

VENANCIO.

Não, minha senhora, eu proprio o escolhi ; mas a escolha foi das mais involuntarias; tinha a sua imagem na cabeça, e não podia deixar de acertar.

ELIZA.

E' uma fineza de quebra. (*Folhea o album*).

VENANCIO.

E' por isso que me vibra um golpe ?

ELIZA.

Um golpe ?

VENANCIO.

E' tão casta que não hade calcular comigo; mas as suas palavras são proferidas com uma indifferença que eu direi instinctiva.

ELIZA.

Não creia...

VENANCIO.

Que não creia na indifferença ?

ELIZA.

Não... Não creia no calculo....

VENANCIO.

Já disse que não. Em que devo crêr seriamente ?

ELIZA.

Não sei....

VENANCIO.

Em nada, não lhe parece?

ELIZA.

Não reza a historia de que os antigos, ao depositarem as suas offerendas, apostrophassem os deuses.

VENANCIO.

E' verdade: este uso é do nosso tempo.

ELIZA.

Do nosso prosaico tempo.

VENANCIO.

A senhora ri? Riamos todos! Tambem eu rio, e da melhor vontade.

ELIZA.

Póde rir sem temor. Acha que sou deusa? Mas os denses já se foram. Estatua, isto sim.

VENANCIO.

Será estatua. Não me inculpe, nesse caso, a admiração.

ELIZA.

Não inculpo, aconselho.

VENANCIO.

(*Repoltreando-se*) Foi excellente esta idéa do divan. E' um consolo para quem está cansado, e quando á commodidade junta o bom gosto, como este, então é ouro sobre azul. Não acha engenhoso, D. Elisa?

ELIZA.

Acho.

VENANCIO.

Devia ser inscripto entre os benemeritos da humanidade o autor disto. Com trastes assim, e dentro de uma casinha de campo, prometto ser o mais sincero anachôreta que jámais fugio ás tentações do mundo. Onde comprou este?

ELIZA.

Em casa de Costrejean.

VENANCIO.

Comprou uma preciosidade.

ELIZA.

Com outra que está agora por cima, e que eu não comprei, fazem duas, duas preciosidades.

VENANCIO.

Disse muito bem! E' tal o concheio que até se podem esquecer as horas... E' verdade, que horas são? Duas o meia. A senhora dá-me licença?

ELIZA.

Já se vai?

VENANCIO.

Até a hora do jantar.

ELIZA.

Olhe, não me queira mal.

VENANCIO.

Eu, mal! E porque?

ELIZA.

Não me obrigue a explicações inuteis.

VENANCIO.

Não obrigo, não. Compreendo de sobejo a sua intenção. Mas, francamente, se a flôr está alta para ser colhida, é crime aspirar-lhe de longe o aroma e adoral-a?

ELIZA.

Crime não é.

VENANCIO.

São duas e meia. Até á hora do jantar.

Scena IX.

VENANCIO, ELIZA, LULU'

LULU'.

Sahe com a minha chegada ?

VENANCIO

Iá sahir.

LULU'.

Até quando ?

VENANCIO.

Até á hora do jantar.

LULU'.

Ah ! janta comnosco?

ELIZA.

Sabes que faço annos, e esse dia é o dos amigos.

LULU'.

E' justo, é justo !

VENANCIO.

Até logo.

Scena X.

LULU', ELIZA.

LULU'.

Oh ! teve presente !

ELIZA.

Não achas de gosto ?

LULU'.

Não tanto.

ELIZA.

E' prevenção. Suspeitas que é do Venancio Alves ?

LULU'.

Atinei logo.

ELIZA.

Que tens contra esse moço ?

LULU'.

Já t'o disse.

ELIZA.

E máu deixar-se ir pelas antipathias.

LULU'.

Antipathias não tenho.

ELIZA.

Alguem sobe.

LULU'.

Hade ser o primo.

ELIZA.

Elle ! (*Sahe.*)

Scena XI.

PINHEIRO LULU'.

LULU'.

Viva ! está mais calmo ?

PINHEIRO.

Calmo sempre, menos nas occasiões em que és... indiscreta!

LULU'.

Indiscreta !

PINHEIRO.

Indiscreta, sim senhora ! Para que veio aquella exclamação quando eu fallava com Eliza ?

LULU',

Foi porque o primo fallou de um modo...

PINHEIRO.

De um modo, que é o meu modo, que é modo de todos os maridos contrariados.

LULU'.

De um modo que não é o seu, primo. Para que fazer-se máo quando é bom ? Pensa que não se percebe quanto lhe custa contrafazer-se ?

PINHEIRO.

Vás dizer que sou um anjo ?

LULU'.

O primo é um excellente homem, isso sim. Olhe, sou importuna, e heide se lo até vê-lo desamuado.

PINHEIRO.

Ora, prima, para irmã da caridade, és muito oria nça. Dispensó os teus conselhos e os teus cerviços.

LULU'.

E' um ingrato.

PINHEIRO.

Será.

LULU'.

Homem sem coração.

PINHEIRO.

Quanto a isso, é questão de facto ; põe aqui a tua mão, não sentes bater ? E' o coração.

LULU'.

Eu sinto um charuto.

PINHEIRO.

Um charuto ? Pois é isso mesmo. Coração e charuto são symbolos um do outro ; ambos se queimam e se desfazem em cinzas. Olha, este charuto, sei eu que o tenho para fumar ; mas o coração, esse creio que já está todò no cinzeiro.

LULU'.

Sempre a brincar !

PINHEIRO.

Achas que devo chorar ?

LULU'.

Não, mas....

PINHEIRO.

Mas o que ?

LULU'.

Não digo, é uma cousa muito feia.

PINHEIRO.

Cousas feias na tua boca, Lulu !

LULU'.

Muito feia.

PINHEIRO.

Não hade ser, dizo.

O PROTOCOLLO.

LULU'.

Demais, possa parecer indiscreta.

PINHEIRO.

Ora, qual. E' alguma cousa de meu interesse ?

LULU'.

Se é !

PINHEIRO.

Pois, então, não és indiscreta !

LULU'.

Então, quantas caras tem a indiscrição ?

PINHEIRO.

Duas.

LULU'.

Boa moral !

PINHEIRO.

Moral á parte. Falla o que é ?

LULU'.

Que curioso ! E' uma simples observação ; não lhe parece que é meu desamparo a ovelha, havendo tantos lobos, primo ?

PINHEIRO.

Onde aprendeste isso ?

LULU'.

Nos livros que me dão para ler.

PINHEIRO.

Estás adiantada ! E já que sabes tanto, fallarei como se fallasse a um livro. Primeiramente, eu não desamparo ; depois, não vejo lobos.

LULU'.

Desampara, sim !

PINHEIRO.

Não estou em casa ?

LULU'.

Desampara o coração.

PINHEIRO.

Mas os lobos ?....

LULU'.

Os lobos vestem-se de cordeiros, e apertam a mão ao pastor, conversam com elle, sem que deixem de olhar furtivamente para a ovelha mal guardada.

PINHEIRO.

Não ha nenhum.

LULU'.

São assíduos ; visitas sobre visitas; muita zumbaia, muita attenção, mas lá por dentro a ruminarem cousas más.

PINHEIRO.

Ora, Lulú, deixa-te de tolices.

LULU'.

Não digo mais nada. Onde foi Venancio Alves ?

PINHEIRO.

Não sei. Alli está um que não hade ser acusado de lobo.

LULU'.

Os lobos vestem-se de cordeiros.

PINHEIRO.

O que é que dizes ?

LULU'.

Eu não digo nada. Vou tocar piano. Quer ouvir um nocturno ou prefere uma polka?

PINHEIRO.

Lulú, ordeno-lhe que falle!

LULU'.

Para que? para ser indiscreta?

PINHEIRO.

Venancio Alves?...

LULU'

E' um tolo, nada mais. *(Sahe. Pinheiro fica pensativo. Vai á meza e vê o album.)*

Scena XII.

PINHEIRO, ELIZA.

PINHEIRO.

Ha de desculpar-me, mas, creio não ser indiscreto, desejando saber com que sentimento recebeu este album.

ELIZA.

Com o sentimento com que se recebem albuns.

PINHEIRO.

A resposta em nada me esclarece.

ELIZA.

Ha então sentimentos para receber albuns, e ha um com que eu devera receber este?

PINHEIRO.

Devia saber que ha.

ELIZA.

Pois ... recebi com esse.

PINHEIRO.

A minha pergunta poderá parecer indiscreta, mas.

ELIZA.

Oh! indiscreta não!

PINHEIRO.

Deixe minha senhora esse tom sarcástico, e veja bem que eu fallo serio.

ELIZA.

Vejo isso. Quanto á pergunta, está exercendo um direito.

PINHEIRO.

Não lhe parece que seja um direito este de investigar as intenções dos passaros que penetram em minha seara, para saber se são dam-ninhos?

ELIZA.

Sem duvida. Ao lado desse direito, está o nosso dever, dever das searas, de prestar-se a todas as suspeitas.

PINHEIRO.

E' inutil a argumentação por esse lado: os passaros cantam e as cantigas deleitam.

ELIZA.

Está fallando serio?

PINHEIRO.

Muito seri

ELIZA.

Então consinta que faça contraste: eu rio-me.

PINHEIRO.

Não me tome por um máo sonhador de perfidias; perguntei porque estou seguro de que não são muito santas os intenções que trazem á minha casa Venancio Alves.

ELIZA.

Pois eu nem suspeito.....

PINHEIRO

Vê o céu nublado e as aguas turvas :pensa que é azada occasião para pescar.

ELIZA.

Está feito, é de pescador afilado!

PINHEIRO.

Pode ser um merito a seus olhos, minha senhora; aos meus é um vicio, de que o pretendo curar, arrancando-lhe as orelhas.

ELIZA.

Jesus! está com intenções trágicas!

PINHEIRO.

Zombe ou não hade ser assim.

ELIZA.

Mutilado elle, que pretende fazer da mesquinha Desdemona?

PINHEIRO.

Conduzil-a de novo ao lar paterno.

ELIZA.

Mas afinal de contas. meu marido, obriga-me a fallar-me tambem seriamente.

PINHEIRO.

Que tem a diser?

ELIZA.

Fui tirada ha mezes da casa de meu pai para ser sua mulher; agora, por um pretexto frivolo, leva-me de novo ao lar paterno. Parece-lhe que eu seja uma casaca que se pode tirar por estar fora da moda?

PINHEIRO.

Não estou para rir, mas digo-lhe que antes fosse uma casaca.

ELIZA.

Muito obrigada!

PINHEIRO.

Qual foi a casaca que já me deu cuidados? Por ventura quando saio com a minha casaca não vou descançado a respeito della? Não sei eu perfeitamente que ella não olha complacente para as costas alheias, e fica descançada nas minhas.

ELIZA.

Pois tome-me por uma casaca. Vê em mim algum salpicos?

PINHEIRO.

Não, não vejo. Mas vejo a rua cheia de lama e um carro que vai passando; e nestes casos, como não gosto de andar mal aceado, entro em um corredor, com a minha casaca, á espera de que a rua fique desimpedida

ELIZA.

Bem. Vejo que quer a nossa separação temporaria... até que passe o carro. Durante esse tempo como pretende andar? Em mangas de camiza.

PINHEIRO.

Durante esse tempo não andarei, ficarei em casa.

ELIZA.

Oh! suspeita por suspeita! Eu não creio nessa reclusão voluntaria.

PINHEIRO.

Não crê? E porque?

ELIZA.

Não creio, por mil razões.

PINHEIRO.

Dê-me uma, e fique com as nove centos e noventa e nove.

ELIZA.

Posso dar-lhe mais de uma e até todas. A primeira é a simples dificuldade de conter-se entre as quatro paredes desta casa.

PINHEIRO.

Verá se posso.

ELIZA.

A segunda é que não deixará de aproveitar o isolamento para ir ao alfaiate provar outras cazacas.

PINHEIRO.

Oh!

ELIZA.

Para ir ao alfaiate é preciso sair; quero crer que não fará vir o alfaiate á casa.

PINHEIRO.

Conjecturas suas. Reflecta, que não está dizendo cousas assizadas. Conhece o amor que lhe tive e lhe tenho, e sabe de que sou capaz. Mas, voltemos ao ponto de partida. Este livro póde nada significar e significar muito. (*Folhêa.*) Que responde?

ELIZA.

Nada.

PINHEIRO.

Oh! que é isto? E' a letra delle.

ELIZA.

Não tinha visto.

PINHEIRO.

E' talvez uma confidencia. Posso ler ?

ELIZA.

Porque não ?

PINHEIRO

(Lendo.) « Se me privas dos teus aromas, ó roza que foste, abrir sobre um rochedo, não podes fazer com que eu te não ame, com-temple e abençoê ! » Como acha isto ?

ELIZA.

Não sei.

PINHEIRO.

Não tinha lido ?

ELIZA.

(Sentando-se.) Não.

PINHEIRO.

Sabe quem é esta roza ?

ELIZA.

Cuida que serci eu ?

PINHEIRO.

Parece. O rochedo sou eu. Onde vai elle desencavar estas figuras

ELIZA.

Foi talvez escripto sem intenção...

PINHEIRO.

Ai ! foi... Ora diga, é bonito isto ? Escreveria elle se não houvesse esperanças ?

ELIZA.

Basta. Tenho ouvido. Não quero continuar a ser alvo de suspeitas. Esta phrase é intencional ; elle viu as aguas turvas... De quem a culpa ? Delle ou sua ? Se as não houvesse agitado, ellas estariam placidas e transparentes como d'antes.

PINHEIRO.

A culpa é minha?

ELIZA.

Dirá que não é. Paciência. Juro-lhe que não sou cúmplice nas intenções deste presente.

PINHEIRO.

Jura?

ELIZA.

Juro.

PINHEIRO.

Acredito. Dente por dente, Eliza, como na pena do Talião. Aqu tens a minha mão em prova de que esqueço tudo.

ELIZA.

Tambem eu tenho a esquecer e esquego.

Scena XIII.

ELIZA, PINHEIRO, LULU'

LULU'.

Bravo ! voltou o bom tempo ?

PINHEIRO.

Voltou.

LULU'

Graças a Deus ! De que lado soprou o vento?

PINHEIRO.

De ambos os lados.

LULU'.

Ora bem !,

ELIZA.

Pára um carro.

LULU'.

(Vai á janella.) Vou vêr.

PINHEIRO.

Hade ser elle.

LULU'.

(Vai á porta.) Entre, entre.**Scena XIV.**

LULU' VENANCIO, ELIZA, PINHEIRO.

PINHEIRO.

(Baixo a Eliza.) Poupo-lhe as orelhas, mas hoide tirar dosforra...

VENANCIO.

Não faltei.... Oh ! não foi jantar fóra ?

PINHEIRO.

Não. A Eliza pediu-me que ficasse....

VENANCIO.

(Com uma careta.) Muito estimo.

PINHEIRO.

Estima ? Pois não é verdade ?

VENANCIO.

Verdade o que ?

PINHEIRO.

Que tentasse perpetuar as hostilidades entre a potencia marido e a potencia mulher ?

VENANCIO.

Não percebo....

PINHEIRO.

Ouvi fallar de uma conferencia e de umas notas...uma intervenção da sua parte na dissidencia de dous estados unidos pela natureza e pela lei; gabaram-me os seus meios diplomaticos, as suas conferencias repetidas, e até, veio parar ás minhas mãos este protocollo, tornado agora inutil, e que eu tenho a honra de depositar em suas mãos.

VENANCIO.

Isto não é um protocollo.... é um album.... não tive intenção....

PINHEIRO.

Tivesse ou não, archive o volume, depois de escrever nelle—que a potencia Venancio Alves não entra na santa-alliança.

VENANCIO.

Não entra?... mas... creia.... A senhora.. me fará justiça.

ELIZA.

Eu? Eu entrego-lhe as credenciães.

LULU'.

Aceite, olhe que deve aceitar.

VENANCIO.

Minhas senhoras, Sr. Pinheiro. (*Sabe.*)

TOCOS.

Ah! Ah! Ah!

LULU'.

O jantar está na mesa. Vamos celebrar o tratado de paz.

FIM.

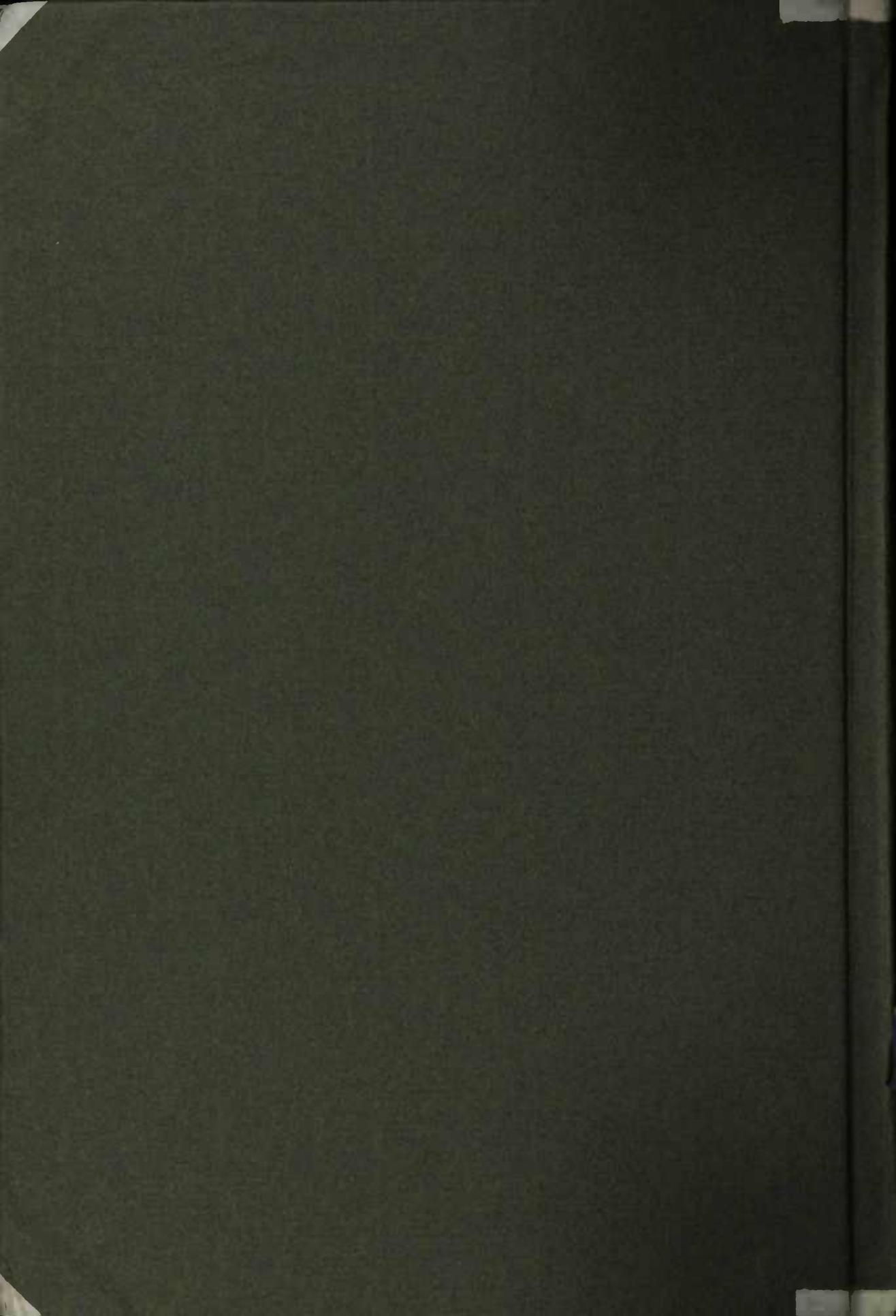
OBSERVAÇÃO.

Alguns erros typographicos escaparam neste volume. Apenas mencionamos os mais graves.

Na pagina 5 falta a ultima linha que são as seguintes palavras de Venancio :— *A minha honra ?*

Na pagina 6, linha 31, em vez—*andar-lhes á roda tapetes*—lêa se — *andar-lhes á roda nos tapetes.*

Na pagina 13, ultima linha, em vez de—*Ridiculo que pareça, i.*—lêa-se.—*Ridiculo que pareça, sinto-me.*



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).